

SEMANÁRIO

www.altominho.com.pt

ALTO MINHO



SUPLEMENTO ESPECIAL DA EDIÇÃO Nº 1509 - 25 DE NOVEMBRO DE 2020 - NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Em louvor de quem ajuda a matar o bicho





HOSPITAL PARTICULAR
GRUPO DE SAÚDE
VIANA DO CASTELO



**RASTREIO
COVID-19**

**CONSULTAS DE ESPECIALIDADE
INTERNAMENTO | CIRURGIA | FISIOTERAPIA
EXAMES COMPLEMENTARES DE DIAGNÓSTICO**

• CONVENÇÕES E TODOS OS ACORDOS •

ATENDIMENTO PERMANENTE (24H)

Pré-Marcações ONLINE ou tel. 258 80 80 30

Rua de São João, 640 | 4900-418 Viana do Castelo | www.hospitaldeviana.com | hospart@hospitaldeviana.com

VILA PRAIA DE ÂNCORA • BARCELOS • VALENÇA • VIANA DO CASTELO

INÍCIO – 2021 | PONTE DE LIMA



Aos nossos heróis...de fardas!

FLÁVIA CASTRO

Heróis. Não do mar, mas da Terra. Do Mundo, até. Os bombeiros, os elementos da Cruz Vermelha, os médicos, os paramédicos, os enfermeiros e os auxiliares têm sido profissionais de excelência, ainda mais agora neste contexto pandêmico. Nem eles, profissionais treinados, sabiam o que estava para vir. É verdade. Ninguém sabia. Mas eles viram-se e vêm-se obrigados a lidar, diariamente, com esta doença que não se vê e nem sintomas pode dar. Entre tantas outras desgraças, mais uma a juntar-se ao leque de emoções. Falo em emoções, é verdade. Porque são seres humanos como todos os outros. Se calhar até um bocadinho mais. São pessoas que presenciam situações que ninguém quer ver. São profissionais que se esforçam e lutam para o bem de todos. E muitos deles são, inclusive, voluntários. Não precisam de o ser, nem de o fazer. Mas fazem e vão à luta.

São valores morais e altruístas que vivem neles. Pessoas que se preocupam mais com os outros do que com eles próprios. E quem cuida de todos estes profissionais e voluntários nestes momentos? Muitas vezes esquecemo-nos, mas eles têm família, ami-

gos, conhecidos... Há dias em que, se calhar, um abraço e silêncio é tudo o que precisam ao fim do dia. Ou simplesmente, só silêncio. Eles trabalham noite e dia e não esperam nada em troca. Bem... se calhar não é bem assim! Talvez esperem um sorriso de alguém que ajudaram a salvar, ou uma história daquele idoso que levaram a casa. Sim, os bombeiros não servem apenas para apagar fogos. Servem também para nos ajudar e fazer crescer, seja com uma palavra de coragem ou de carinho. Eles transmitem-nos paz, confiança e segurança. E sabem o que nós somos para eles? Completos desconhecidos. Eles não sabem quem somos, mas todos sabemos quem eles são. E ainda assim, estes profissionais são capazes de nos salvar, até com um sorriso.

Eles sofrem com as nossas dores e com os nossos acidentes. São eles que estão na linha da frente para nos transportar. Mantém-nos estáveis e transportam-nos para um hospital, para sermos bem tratados. Pensem neste cenário: Uma casa ruiu e estavam lá dentro dois adultos e uma criança. Os bombeiros chegaram ao local, tentam socorrer as vítimas e percebem que, no meio dos escombros, não há sobreviventes. Encontram os corpos, já cadáveres. Ten-

tam perceber se há maneira de os socorrer, mas não há nada a fazer. Qual seria o teu sentimento? O mesmo que o deles. Independentemente de serem treinados para estas situações, uma vida é sempre uma vida. Há lágrimas difíceis de conter. Volto a repetir, são humanos. Perante aquele cenário qualquer um se afastaria ou, até mesmo, fugiria. Podes estar a pensar que não, mas provavelmente sim. Mas os bombeiros, assim como os profissionais de saúde e auxiliares, não! Eles ficam. E ficam até ao fim. Tratam dos mortos como se estivessem vivos. Pegam neles com cuidado e ainda os transportam. Limpam os restos dos acidentes. Lidam de perto com toda a situação.

E agora com a Covid-19? Ainda mais têm que suportar. Precisam de meios para socorrer, precisam de se proteger. Não só por eles, mas sobretudo pelos outros. E se os bombeiros não pudessem fazer o seu serviço? E se houver falta de meios por estarem de quarentena? Imagem, em Ponte de Lima, uma semana sem estes serviços. Já nem digo mais... Era impossível! Até chamados para socorrer animais são! Fazem um bocadinho de tudo, até companhia. Como será a mente de um bombeiro? E de um médico ou enfermeiro? E dos auxiliares? Estão psicologicamen-

te bem os profissionais de saúde? Não sei responder. Mas imagino que seja pesado. Acredito que haja noite em que seja difícil adormecer, acredito que soem alarmes que os façam tremer. Não com medo, mas já com a tristeza de saber o que poderão encontrar. É por todos estes profissionais de saúde que escrevemos este suplemento e os enaltecemos. É por serem estes heróis, sem capa, mas de farda. Por todo o trabalho feito e por cada resposta dada. Por cada ajuda a uma mão estendida.

São todos heróis. Cabe a cada um de nós simplificar o trabalho deles. Basta pensar, por exemplo, na quantidade de chamadas falsas que os bombeiros recebem por dia. Já viram que enquanto atendem aquela chamada podem estar a perder uma outra realmente urgente? Verdade, uma vida pode ser salva por questões de segundos, mas também se pode perder uma outra na mesma questão de tempo. Vamos refletir. Mas enquanto refletimos vamos agradecer. Agradecer por cada esforço, por cada momento. Pelo ensinamento sobre amor ao próximo. Pelo arriscar das suas vidas em prol de nós, os desconhecidos. Pelo enfrentar do perigo. Obrigada a todos estes grandes profissionais.

Uma luta que se trava com o apoio de toda a comunidade



VICTOR MENDES
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE DE LIMA

Nesta hora tão difícil para todos os Limianos, quero expressar, em nome do Município de Ponte de Lima, uma profunda solidariedade para com as famílias das vítimas mortais, deixando aqui um sentido voto de pesar, solidariedade que estendemos também a todos os doentes da COVID-19 e respetivas famílias.

Esta é uma luta que se trava com o apoio de toda a comunidade.

Agradecemos, por isso, aos profissionais de saúde que estão na linha da frente deste importante combate, assim como aos Bombeiros Voluntários, à PSP, à GNR, aos colaboradores do Município e a outras entidades públicas como a ULSAM e a Segurança Social.

Agradecemos às nossas IPSS, onde se incluem os Centros Paroquiais e Sociais, pelo trabalho desenvolvido em prol dos mais vulneráveis (crianças, idosos e cidadãos portadores de deficiência), quer com os utentes contratualizados com a Segurança Social, quer com outros cidadãos a atravessar dificuldades de caráter social e económico e a viver em isolamento.

Manifestamos ainda um agradecimento às diversas instituições culturais, recreativas e desportivas deste concelho, que teimam em desenvolver as atividades possíveis neste contexto de pandemia.

A toda a comunidade educativa transmitimos o nosso reconhecimento por terem sido capazes de garantir, em segurança, o funcionamento das escolas.

Uma palavra também para as famílias que perderam o seu emprego, que enfrentam neste momento grandes dificuldades e angústias, e também para os empresários do nosso concelho que têm demonstrado uma grande resiliência para superar esta fase complicada.

O Município de Ponte de Lima tudo fará, dentro daquilo que são as suas possibilidades e limitações, para ajudar as famílias, as empresas e as instituições deste concelho.

Apelo ainda a todos os cidadãos em geral para manterem e reforçarem o seu sentido de cidadania e de responsabilidade social, adotando os comportamentos e atitudes mais aconselháveis para a preservação da saúde pública.

Juntos vamos conseguir!

Com resiliência, dedicação e amor



JOSÉ MARIA COSTA
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA DO CASTELO

Os vianenses têm assumido uma elevada responsabilidade cívica ao acatar as determinações do Governo para se protegerem e evitarem a exposição no espaço público. Os nossos munícipes têm sido exemplares no cumprimento das orientações da Direção Geral de Saúde e restantes autoridades de saúde, da autarquia e das diversas autoridades nacionais. Com todos os cuidados, nos últimos meses Viana do Castelo soube regressar à normalidade, protegendo-se. Viana do Castelo tem conseguido adaptar-se, com resiliência, dedicação e amor. Para o regresso a esta nova realidade temos lançado um conjunto de programas e incentivos que pretendem mostrar que somos um Município amigo do investimento, que sabe acolher e valorizar os nossos empresários e as empresas que optam por fazer de Viana do Castelo a sua casa.

Viana do Castelo tem ainda em vigor, até final do ano, a suspensão dos pagamentos nos parquímetros instalados na cidade e o pagamento do Parque de Estacionamento do Campo d'Agonia. Com cautela, continuamos a defender que consumam no nosso comércio local, que visitem os nossos negócios, que desfrutem dos nossos cafés, restaurantes e hotelaria de excelência.

Mantemos ainda ativa a Unidade de Retaguarda instalada no Centro Cultural de Viana do Castelo. Tal como na primeira fase da pandemia, esperamos que não seja necessária a utilização desta unidade, tendo em conta o desempenho dos profissionais de saúde e a responsabilidade dos vianenses.

Em contexto de pandemia, recordo que fizemos um reforço orçamental de 750 mil euros para a Proteção Civil, Coesão Social, Freguesias e Ação Social Escolar. Promovemos um apoio excecional a Instituições Sociais do concelho para apoios diversos no âmbito social e de aquisição de equipamentos de proteção individual ou outros.

Recentemente, reconhecendo que esta é uma fase difícil para todos, aprovamos a redução do IMI para 0.36% e ainda uma redução para famílias numerosas, numa medida que visa apoiar as famílias.

Continuamos, pois, a apelar à responsabilidade social dos vianenses para que se resguardem, para que utilizem máscara sempre que estão em espaços públicos ou em espaços fechados, protegendo-se e protegendo os demais.

Estou certo que a sociedade vianense vai responder a este enorme desafio, tal como o fez em crises anteriores e todos juntos ultrapassaremos as atuais dificuldades.

Uma palavra final de grande agradecimento aos profissionais de saúde, às forças da proteção civil e segurança, aos bombeiros, às Instituições Particulares de Solidariedade Social, às Juntas e Uniões de Freguesia, aos funcionários municipais e dos serviços municipalizados pelo trabalho, a generosidade e empenho na defesa da vida demonstrados todos os dias da sua incansável ação. E ainda aos que perderam alguém com esta Pandemia, uma palavra de pesar e solidariedade.

Homenagem "encheu de alento" os profissionais de saúde



Nas varandas e na entrada principal do Hospital de Viana do Castelo, os profissionais de saúde foram aplaudidos e aplaudiram as forças de segurança e socorro que quiseram homenagear o trabalho de todos na luta contra a Covid 19. A homenagem foi enaltecida pelo presidente da Unidade Local de Saúde do Alto Minho (ULSAM) que deixou uma mensagem otimista do trabalho que está a ser feito no distrito onde existem cerca de 360 infectados, 30 dos quais são profissionais de saúde do hospital. Até 16 de abril, tiveram alta hospitalar cerca de 50 utentes e faleceram 20 pessoas no hospital.

IDALINA CASAL
SEMANÁRIO ALTO MINHO Nº 1478,
23 DE ABRIL DE 2020

Na entrada principal do hospital, José Manuel Cunha, médico há 36 anos, assistiu com vários colegas de profissão à chegada da coluna de forças de segurança e socorro de Viana do Castelo. A iniciativa partiu da Direção Nacional da PSP e contou logo com a adesão do Comando de Viana do Castelo que conseguiu mobilizar operacionais das corporações de Bombeiros Sapadores e Voluntários, Cruz Vermelha, SEF, Polícia Marítima e GNR. "Ficamos

muito comovidos, é uma alegria enorme receber estes profissionais aqui porque também eles merecem as nossas palmas e respeito. Estão a dar-nos muito alento", confessou o médico de família que também é o responsável pela consulta de doenças respiratórias do concelho de Viana do Castelo. "Os profissionais de saúde da ULSAM são muitos fortes e o ambiente está bom. Estamos a trabalhar bem, somos todos uma verdadeira equipa que está a fazer um trabalho do qual nos podemos orgulhar", garantiu.

A pensar nesse trabalho, os profissionais de segurança e socorro de Viana percorreram várias artérias da cidade em coluna até chegarem ao hospital. "É um gesto que as forças de proteção e socorro tiveram para reconhecer a coragem, empenho, determinação e profissionalismo dos profissionais de saúde, para que se sintam motivados nesta luta que é de todos. É um pequeno gesto mas que lhes dá alguma motivação e serve também para agradecer o empenho e auxílio que têm dado às polícias", justificou o comissário Nuno Ferreira da PSP de Viana do Castelo, indicando que "de uma forma geral a população de Viana tem cumprido as regras" durante os períodos de emergência.

O presidente do Conselho de Administração da ULSAM, Franklim Ramos, agradeceu a homenagem: "É um gesto simbólico muito importante que nos motiva para sermos capazes de vencer esta situação complexa e partilha das dificuldades que todos temos. Estamos todos nesta luta para destruir este inimigo comum e temos de cumprir com muito rigor os normativos e sermos capazes de nos mantermos ativos e confiantes." O responsável hospitalar afirmou que "o hospital está a gerir a pandemia de acordo com o previsível, está a correr bem, os doentes estão a ser tratados e a maior parte deles está a sair com vida", tendo já tido alta cerca de 50 doentes. "Dos Cuidados Intensivos também têm saído, a mortalidade é baixa quando comparada com o que seria de esperar, as pessoas que faleceram são pessoas com muita idade", acrescentou, indicando que estavam, até 16 de abril, duas pessoas nos cuidados intensivos e tinham morrido 20 doentes. Franklim Ramos informou ainda que dos cerca de 360 infectados do distrito, cerca de 30 são profissionais de saúde do hospital. "Mas estes profissionais estão bem, não estão internados, logo que passe o tempo necessário, farão os testes e entrarão ao serviço", referiu. Em relação à situação nos lares de idosos, o presidente da ULSAM admitiu

que a situação é complexa. "Todos estamos a fazer esforços, às vezes há mal entendidos normais nestas alturas de grande dificuldade e nem toda a gente reage bem à adversidade, mas tenho encontrado por parte das pessoas com responsabilidades um grande sentido de encontrar soluções. Os lares são um problema por terem idosos com doenças crónicas e há também problemas com recursos humanos infectados que nós também temos no hospital e centros de saúde. Tem sido difícil substituir essas pessoas por outros profissionais, principalmente pessoal auxiliar, porque as pessoas não estão motivadas para trabalhar com este tipo de doentes, apesar de existirem EPI's suficientes", reforçou. Em relação à chegada de novos ventiladores, Franklim Ramos informou que os dois oferecidos por Jorge Mendes estariam a chegar, assim como a encomenda de cinco feita pelo hospital, aguardando-se ainda a chegada de mais 10 aparelhos. "Estamos a gerir bem a situação e até agora não tem havido necessidade de mais ventiladores, os existentes têm chegado para as nossas necessidades, mas espero que os outros cheguem porque podem vir a fazer falta", concluiu. A homenagem terminou com todos os profissionais a cantar o hino nacional.



Sofia é bombeira e atravessou a pandemia grávida

Sofia Carvalhido tem 31 anos e já é bombeira na corporação dos Voluntários de Viana do Castelo há 18. Natural de Perre, Sofia é atualmente a chefe da Equipa de Intervenção Permanente (EIP) sediada nos Voluntários e atravessou o início da pandemia grávida. Trabalhou quase até dar à luz e garante que a sua filha Camila também será bombeira.

IDALINA CASAL

Desde criança que Sofia frequenta o quartel dos Bombeiros Voluntários de Viana do Castelo onde o seu pai - António Carvalhido - também foi operacional, estando agora no quadro de honra. Com um tio também ligado aos bombeiros e Cruz Vermelha, foi com naturalidade que também abraçou uma carreira na corporação.

Criada em 2018, a EIP dos Voluntários de Viana é constituída por cinco elementos que garantem o socorro das 10h às 18h. Sofia interrompeu a chefia da equipa enquanto esteve de licença de maternidade, tendo regressado há cerca de mês ao comando. "Esta equipa existe para dar resposta a todos os serviços de emergência", sintetiza, exemplificando com saídas para acidentes, incêndios urbanos ou rurais.

Neste tipo de trabalho, em que reina a imprevisibilidade, Sofia admite que a pandemia veio complicar a tarefa do socorro. "Nós tentamos adoptar sempre todas as medidas para não trazer para dentro do quartel a doença. Atualmente, quando somos acionados para alguma saída de emergência, o Centro de Orientação de Doentes Urgentes já faz uma triagem em que nos tenta precaver sobre a existência de covid. No início da pandemia, tentávamos ser nós a precaver e partíamos do princípio que podíamos ir

prestar socorro a alguém infectado com covid", explicou.

Quando a pandemia "reventou" na primavera, Sofia não fez muitos serviços de emergência porque estava grávida. "Nessa altura, ficava dentro do quartel ou saía para alguns incêndios, mas não fazia emergência. Contudo, ainda cheguei a limpar algumas ambulâncias que transportaram pessoas com suspeitas de infecção com covid, quando ainda não havia os métodos que existem hoje, como a máquina de ozono que agora já temos", contou, indicando que nessa primeira fase houve colegas que tiveram de fazer quarentena dos 14 dias por terem estado em contacto com alguém infectado. "Naquela altura ainda não sabíamos bem se por estarmos equipados podíamos ou não ser infectados...", admitiu.

Sofia ficou grávida em outubro de 2019 e a sua filha Camila nasceu a 19 de junho deste ano. "Tive a felicidade de não terem havido grandes ocorrências e pude manter-me no quartel até quatro dias antes da minha filha nascer", recordou, admitindo que durante os nove meses de gestação "não pensava que estava grávida". "Sempre tive uma barriga pequenina, por isso, nunca senti um grande condicionamento em estar no quartel. Sempre usei a mesma farda...foi como se não estivesse grávida. Numa tive nenhuma complicação e o apoio da equipa foi sempre muito bom. Acho que quem nasce com esta vontade, já tem o dom de ajudar o próximo. Quando ia limpar uma ambulância onde tinha estado alguém infectado, nem pensava nisso, para mim sempre foi algo normal", afirmou Sofia, garantindo que a sua filha "vai ser bombeira" quando crescer.

"Sem duvida ela é uma criança da pandemia e vai ser bombeira por tudo o que ela passou na barriga comigo. Quando isto estourou, eu estava com seis/sete



meses de gravidez, as minhas consultas foram todas canceladas. Só tive a primeira e a última consulta. Consegui fazer os exames e enviar por email... mas foi uma gravidez santa... tive muita sorte", assume a bombeira que não pode ter o seu marido no parto, admitindo os receios e as incertezas na forma como se encarava a pandemia no início.

"Acho que na primeira vaga havia muitos mais cuidados do que há agora. As pessoas tinham mais medo. Agora sentimos que ficam chateadas, por exemplo, quando não podem entrar com familiares na urgência do hospital. Não entendem quando nós dizemos para não ir para lá porque vão ficar ao frio à espera", constata esta bombeira que lida diariamente com utentes e familiares. "O nosso volume de emergência baixou muito na primeira vaga porque as pessoas tinham medo de levar os familiares para a urgência. Entretanto, já voltou quase ao que era normal...por qualquer coisa já chamam socorro", acrescentou.

Sobre o estado de espírito da equipa que lidera, Sofia diz que a prioridade tem

sido a segurança. "Tentamos sempre proteger-nos. Cada vez mais. Não só a corporação, mas também as famílias que temos em casa", disse, acrescentando que na corporação têm havido sempre equipamentos de proteção individual. "Neste momento, estamos a gastar cerca de 50 máscaras a cada dois dias", exemplificou.

A comunidade, diz, tem apoiado a corporação, apesar de receberem também críticas e queixas dos utentes e familiares já cansados com as restrições a que são sujeitos. Apesar disso, Sofia acredita que a pandemia veio evidenciar a importância dos bombeiros pelo seu papel em ajudar o próximo. "Com as máscaras da Nina [cadela mascote dos Bombeiros Voluntários de Viana], percebemos que as pessoas querem ajudar e compram porque sabem que é uma forma de nos ajudarem. Aliás, foi com grande parte desse dinheiro que conseguimos manter e gerir o stock dos equipamentos e máscaras", afirmou esta bombeira, confirmando que a cadela Nina, mesmo estando na retaguarda, "tem sido uma verdadeira opera-

A Equipa de Intervenção Permanente dos Bombeiros Voluntários de Viana do Castelo é constituída por Sofia Carvalhido (bombeira de 2ª classe), Ruben Costa (bombeiro de 2ª classe), Luís Miguel Freitas (bombeiro de 3ª classe), Vítor Parente (bombeiro de 3ª classe) e Domingos Soares (bombeiro de 3ª classe).



Andreia teve de ir cantar os parabéns à filha no carro dos bombeiros

Andreia Martins é bombeira há 22 anos na corporação de Ponte de Lima e trabalhar na emergência pré-hospitalar é a sua "praia". Transportou um dos primeiros casos suspeitos de Covid-19 no concelho de Ponte de Lima e esteve privada do contacto da filha quase três meses com "medo pelo desconhecido" durante a primeira vaga.

LÚCIA SOARES PEREIRA

"Eu tenho muito respeito, tenho ainda bastante receio, mas nos serviços sinto-me à vontade, porque o corpo de bombeiros tem-nos dado o equipamento necessário para podermos trabalhar em segurança", começa por dizer a bombeira, notando que os números em Ponte de Lima dispararam mas que agora também se fazem mais testes.

"Recordo-me de ir buscar um dos primeiros casos aqui no concelho, um homem de 42 anos, com todos os sintomas e na altura ele não tinha os critérios para efectuar o teste. Isto foi mesmo na fase inicial. Aquilo que eu acho é que neste momento todas as pessoas que tenham um sintoma fazem teste. E agora também ouve-se falar muito pouco em gripes, pneumonias, agora tudo é Covid. Desse senhor o que nos foi dito é que a TAC era compatível com Covid", conta.

Andreia Martins revela que esteve "privada de estar com a filha" quase três meses no início da pandemia. "A minha filha esteve na casa dos meus pais durante dois meses e duas semanas e eu estive sozinha em minha casa, por iniciativa própria para tentar protegê-la. No início era o desconhecido. Acho que houve mais precauções, acho que as pessoas tiveram mais medo", comentou a bombeira que por norma faz emergência médica e daí mostrar-se receosa.

"Foram momentos dolorosos e ainda por cima foi o aniversário dela nessa altura. Mas fizemos uma brincadeira, o comandante autorizou e fomos lá com um carro, meia dúzia de bombeiros a tocar a sirene e a cantar os parabéns no altifalante do carro", relembra com um brilho nos olhos.

A comunicação entre mãe e filha era através de chamadas telefónicas e videochamadas. "Fui duas ou três vezes a casa dos meus pais e saía do carro com a máscara, houve uma vez que ela não resistiu e veio abraçar-me e eu abracei-a, mas no fim mesmo as minhas irmãs diziam para tomar banho e trocar de roupa", contou.

Para Andreia Martins esta é uma situação a que "nos vamos ter de habituar e lidar", considerando que acabou por "vir ajudar a repensar um bocadinho as coisas que são importantes e fundamentais".

A bombeira relembra o caso de uma mulher que transportou com o novo coronavírus e que viria a falecer, um momento que a marcou. "Penso até que foi das primeiras mortes que aconteceram no lar de Grade, em Arcos de Valde-



vez. Foi o último serviço que fiz, ao final do dia e aí nesse dia tive muito, mas muito medo. Foi aí que caiu a ficha e tomei consciência da realidade. Aquela situação no transporte deixou-me muito comovida, porque a senhora olhava para mim e eu pensava que ela nem sabia quem eu era, porque estava toda equipada. Eu senti o medo daquela senhora e senti, de forma estranha, a morte naquela senhora. E não consegui, o caminho todo, afastar-me dela, fui todo o caminho de mão dada com ela. Essa situação mexeu muito comigo, foi muito marcante", partilhou, revelando que dias depois viu a fotografia da mulher no obituário. "E isso aconteceu outra vez agora recentemente com uma utente de um lar de Ponte de Lima", acrescentou.

Por estarem numa ambulância de emergência do INEM, acabam por ser dos primeiros a sair e a ter mais contacto com os doentes, mas sempre protegidos com todo o equipamento necessário. "Eu já não consigo fazer serviço sem ter todo o equipamento, porque já não me sinto segura. Eu adoro o que faço, adoro o pré-hospitalar, entrar em contacto com os doentes e poder ajudar e fazer alguma coisa pelos doentes. Felizmente as coisas têm corrido bem e também nos sentimos apoiados, muito sinceramente", atesta.

Andreia Martins admite sentir-se "cansada de usar todo o equipamento" e confessa haver um desgaste "físico e emocional". "Mas temos de continuar, porque chegamos aqui e temos outra saída a seguir e temos de ir", nota. Quanto ao reconhecimento que a sociedade possa fazer aos bombeiros, a limiana sustenta que este é o seu trabalho e o faz "com o coração e trata as pessoas como se fossem todas da família". "Acho que é assim que tem de ser, de outra forma não fazia sentido, para mim", aponta. "É muito bom darmos um bocadinho de nós e acho que às vezes os bombeiros não têm noção do papel que têm na sociedade e que às vezes é um bocadinho desvalorizado. Para se ser bombeiro tem de se ser diferente, é uma missão de vida", declara.



"Chegam cartas de louvor ao quartel!"

Os Bombeiros Voluntários de Ponte de Lima têm estado na primeira linha do combate à pandemia e desde abril já transportaram 50 casos de Covid-19 confirmados e 147 suspeitos. O receio sobre o desconhecido também faz parte do dia-a-dia dos soldados da paz, mas encaram o seu trabalho com a adrenalina e a coragem que os caracteriza.

LÚCIA SOARES PEREIRA

Até ao momento na corporação de Ponte de Lima apenas foi detectado um caso de infecção por Covid-19, de um elemento que trabalha fora do concelho. "Directamente com o nosso serviço nunca tivemos um bombeiro infectado. Realmente tivemos um bombeiro que chegou a testar positivo, mas não foi relacionado com o nosso serviço, foi com a sua área de actividade profissional, fora do quartel. Nessa altura causou algum impacto nos bombeiros, porque 15% dos bombeiros ficaram inoperacionais por prevenção. Na nossa operacionalidade não teve grande impacto devido ao número de pessoal que dispomos, contudo naqueles primeiros dias houve algum stresse", admitiu o comandante da corporação limiana.

Carlos Lima assinala que, neste momento, neste corpo de bombeiros "já foram testados 31 elementos por vários motivos". "Vamos registando sempre todos os elementos que são testados. Tivemos 38 elementos que já passaram pela situação de estarem ausentes do quartel só para se perceber o resultado ou sintomas, porque nós não facilitamos. Se há uma suspeita ou dúvida, o bombeiro fica em casa", garante o comandante.

O homem que lidera os "voluntários" limianos sublinha que no início da pandemia, em Março, "foi mais complicado" e "notava-se muito receio nos bombeiros". "Desconhecia-se tudo e também tivemos o problema dos equipamentos não chegarem. Começou a haver dificuldade em arranjar máscaras, luvas, gel desinfetante, batas. Todos os equipamentos de protecção individual começaram a escassear e, na altura, íamos conseguindo a preços muitos elevados. Pedimos ajuda à Câmara Municipal e às Juntas de Freguesia, grande parte colaborou, e entregaram aqui o equipamento. Depois fomos ultrapassando essas dificuldades, fomos aprendendo também, começou a chegar mais informação ao corpo de bombeiros, começámos a aprender a lidar com a situação", revelou Carlos Lima.

O comandante nota que agora nesta segunda fase tem-se assistido a "um aumento muito grande de pessoas transportadas, quer suspeitos quer confirmados". "Mas como já estamos mais treina-

dos, já conhecemos melhor o sistema e já está a ser mais banal, apesar de causar sempre algum stresse", reconhece.

Carlos Lima regista que desde que o Plano de Emergência Municipal foi activado, os bombeiros já transportaram 50 doentes confirmados e 147 suspeitos. "Temos transportado desde o domicílio até ao hospital e quando é confirmado vai para o serviço de atendimento Covid em Viana do Castelo. Somos accionados pelo CODU, mas também há pessoas que ligam directamente para aqui", focou.

"Não abrandamos a área da protecção individual, mas temos mais conhecimento da situação, sabemos mais sobre o vírus e sabemos como lidar. O INEM, o SNS e a Autoridade Nacional de Protecção Civil têm enviado muita informação para o corpo de bombeiros e nós vamos aprendendo. Estamos sempre em actualização", diz, assegurando que para além de terem de se proteger têm de proteger as suas famílias e os outros utentes.

Regista ainda que o concelho de Ponte de Lima teve uma primeira fase em que "correu tudo muito bem, também devido ao confinamento", considerando que as pessoas também "cumpriram mais". "Nestes últimos dias tem sido um disparar de situações e não são todas relacionadas com os lares", atesta, partilhando que "há contactos familiares e de trabalho" que têm proporcionado "o avanço rápido do vírus".

Na primeira fase a corporação limiana notou uma "travagem brusca no serviço". "Os próprios hospitais também começaram a não receber os doentes. Mesmo nas situações de emergência, nós éramos accionados para prestar socorro, os elementos iam ao local, faziam avaliação dos doentes, eles perguntavam como estavam os seus sinais vitais e de seguida recusavam transporte. Tinham medo de ir para o hospital por causa do Covid. Queriam só saber como estavam e recusavam transporte. E isso aconteceu várias vezes, o que era problemático, alguns já eram transportados em situações muito graves", recorda.

Carlos Lima sustenta que a corporação conseguiu "melhorar a capacidade de resposta até pela aquisição dos veículos de socorro", mas também aumentou o número de credenciados para a área de emergência pré-hospitalar. "Neste momento, já estamos com a capacidade de ajudar outras corporações, como Vila Verde e Viana do Castelo", sublinhou.

O comandante lamenta que os serviços subsidiados pelo Estado para transporte de doentes não sejam actualizados há uma década. "São tabelas que já existem há mais de dez anos. Quer a verba atribuída pelo INEM, quer pelo SNS não chega



neste momento para o Equipamento de Protecção Individual, quanto mais para pagar o salário do bombeiro se ele for profissional ou os consumíveis da ambulância", aponta.

Para suportar algumas das despesas não resta aos bombeiros outra solução que não "pedir". "Isto pode levar à ruína de uma corporação. Felizmente a associação que suporta este corpo de bombeiros conseguiu recuperar financeiramente e está estável e tem feito uma gestão, penso eu, boa", diz, acrescentando que a Câmara Municipal ajudou no início da pandemia com o adiamento do subsídio e depois atribuiu mais uma verba de apoio para ajudar a suportar as despesas.

Quanto à população, Carlos Lima comenta que "olha para os seus bombeiros como aquelas pessoas que estão do outro lado da porta, que quando precisarem eles vão estar lá". "Não fomos bater à porta de ninguém para pedir nada, mas continuamos disponíveis para ajuda. O que eu sinto é que a população é muito solidária com os seus bombeiros e gosta. Nota-se a admiração que têm por nós, vêem a nossa evolução, o que também é bom, e começam a chegar aqui ao quartel muitas cartas de agradecimento e de louvor a alguns elementos e isso é gratificante para mim e para toda a corporação", declara.

Este ano os bombeiros de Ponte de Lima comemoraram 133 anos de existência, mas não foi possível festejar como habitualmente e, também por isso, este é "um ano muito triste". "É triste chegar a altura do dia da unidade, dos bombeiros, em que mostramos os nossos meios, a nossa ope-

racionalidade, e temos muito gosto em receber aqui as pessoas que nos visitam nesse dia, e este ano não houve nada, só um momento simbólico de homenagem aos bombeiros falecidos", registou.

Para este comandante o caminho para regressar à normalidade ainda vai ser "muito lento". "Mesmo com o surgimento da vacina, e não acredito que chegue logo no primeiro trimestre, vai demorar o voltar à normalidade. E as pessoas devem começar a habituar-se. Não sou nenhum especialista, mas é a ideia que tenho. A máscara vai passar a ser uma peça de vestuário e as pessoas vão andar com ela muito tempo. Temos um longo caminho a percorrer", prevê.

Carlos Lima tem expressado o seu agradecimento aos seus homens e mulheres, "falando com eles várias vezes e de várias formas". "Eles sabem que eu estarei sempre do lado deles como estive até agora e vou continuar, mais ainda agora, porque compreendo perfeitamente o momento difícil que estamos a passar, o esforço que temos de fazer, porque sempre que há elementos em isolamento ou de quarentena os outros têm de aguentar o serviço. E sei o sacrifício que isso é e tenho de dar-lhes essa motivação. Acredito neles e sei que não são homens para me deixar ficar mal nesta altura do campeonato. Eles sabem as dificuldades que nós temos, sabem tudo, porque eu não escondo nada e eles ajudam-me a ultrapassar esses problemas e estão sempre disponíveis. Por isso, só tenho a agradecer e aos órgãos sociais também que têm mantido uma palavra muito próxima connosco", declarou o comandante limiano.

"Somos a primeira linha de resposta"



António Silva e António José Pinto são bombeiros voluntários em Ponte de Lima, um há três anos e outro com 20 anos de "casa", mas ambos estão "em pé de igualdade" neste combate à pandemia.

LÚCIA SOARES PEREIRA

António Silva faz parte da corporação desde que iniciou recruta, há três anos, e confessa que quando foi declarada pandemia estavam todos "um bocadinho mais assustados".

"Com o tempo fomos habituando mais a toda esta situação e agora para nós já começa a ser um bocadinho normal. Mas mesmo assim acho que está toda a gente um bocadinho cansada. Isto é muito desgastante, porque são sempre os mesmos rituais, desinfetar, vestir fatos, tirar os fatos, desinfetar a ambulância, pôr a ambulância outra vez operacional, sair, depois repetir tudo e acaba por desgastar um bocadinho", comentou o jovem.

O bombeiro assinala que "há sempre algum receio" quando se sai em serviço por desconhecer o "que vai encontrar", mas por outro lado garante que se sente

"uma adrenalina diferente". "O meu maior receio é infectar quem está em casa, os meus", regista o também estudante de enfermagem, acrescentando que "tem de se ter sempre muito cuidado". "Mas o pessoal tem adoptado bem as medidas. Aquilo que me causa mais medo é as próprias pessoas que vamos socorrer terem receio de dizer que estão infectadas e isso é um risco para nós. É certo que nós vamos com todas as precauções, mas isso já aconteceu. Aparecem sem máscara, escondem e depois vem a saber-se que estavam infectados ou eram suspeitos", alerta.

António José Pinto acrescenta que "pode haver uma percentagem de medo", mas é hábito dos bombeiros correr riscos. "Temos de ter mais cuidado é com a precaução, é uma coisa nova, ainda vamos ver no que isto vai dar, mas não é questão de medo. Vamos sempre prevenidos para todas as eventualidades. Agora temos mais saídas para esse tipo de situações e temos de nos equipar mais vezes", conta, dando nota que os dois costumam trabalhar em equipa muitas vezes.

"Calhamos muitas vezes os dois na mesma ambulância e normalmente reveza-

mo-nos nas tarefas. Há um desgaste físico e emocional, aqueles fatos são muito plásticos e ressuam, é um esforço que fazemos", revelam.

Os dois bombeiros alertam que as pessoas "facilitam muito" e "muitas vezes os familiares estão à volta do doente sem máscara e ainda perguntam se é preciso pôr". "As pessoas relaxaram um bocadinho. A maior parte. Mas nota-se que num ou outro sítio onde se vai que têm cuidado", registam.

Ambos afirmam que desde o início da pandemia as pessoas começaram a "ter mais medos de chamar os bombeiros" e se antes registavam seis ou sete saídas, algumas das quais sem urgência, agora têm "três ou quatro mas realmente necessárias".

Sobre a forma como a população olha para o corpo de bombeiros, António José Pinto assinala que as pessoas vêem que "estão lá para ajudar". "Nota-se também que as pessoas aqui percebem, principalmente agora, que as dificuldades que temos não são só no Verão por causa dos fogos, notam que estamos a fazer mais esforço do que aquele que fazíamos", comenta.

Para António José Pinto, a comunidade reconhece o trabalho e papel dos seus bombeiros, mas considera que o mesmo não acontece com as "entidades nacionais".

"Deviam de nos reconhecer, mas não. Sempre estivemos habituados a serem injustiçados, mas sente-se cada vez mais em relação a outros profissionais. Não queremos ser mais do que ninguém, mas queremos ver o nosso trabalho reconhecido", alerta.

O colega afirma que não se entra para uma corporação de bombeiros "para que agradeçam ou para ganhar dinheiro". "Vimos porque gostamos da adrenalina e, quando ajudamos alguém, sentimo-nos bem. Mas devia haver mais respeito pelas entidades. No início dizia-se que o transporte Covid era por INEM e Cruz Vermelha, mas na prática quem o faz somos nós", registou.

António José Pinto sustenta que os bombeiros são "efectivamente a primeira linha de resposta". "Quando chegamos ao hospital a pessoa já vai mais estabilizada, somos a primeira resposta em tudo, durante todo o ano", acrescentou António Silva.

"Bombeiros fazem das tripas coração e muito além do que lhes é pedido"

Paulo Rodrigues assumiu o comando dos Bombeiros Voluntários de Viana do Castelo em plena pandemia. Há quase 35 anos que este docente do Instituto Politécnico de Viana do Castelo é voluntário na corporação que agora comanda. Paulo Rodrigues conta que número de pedidos de ajuda aumentou com a pandemia, mas garante que "não houve um serviço" que os bombeiros tivessem recusado. A pandemia tem sido um desafio na gestão de recursos, mas para o comandante a tarefa mais árdua é o trabalho do dia-a-dia em situações de emergência.

MICAELA BARBOSA

Durante a pandemia, os bombeiros têm sido "cada vez mais" solicitados para auxílio da população no concelho e no distrito de Viana do Castelo, "sem mencionar situações que ultrapassam o próprio distrito, nomeadamente, na emergência pré e pós-hospitalar", refere o comandante de 53 anos, natural da Areosa.

"Por um lado, o pré-hospitalar obrigamos a cuidados redobrados. Hoje em dia, em qualquer situação a que nos dirijamos, em temos de socorro, fazemo-lo sempre numa perspectiva de possível contágio de covid-19, o que faz com que as despesas para equipamentos de proteção individual (EPI) tenham subido de uma forma assustadora. Por outro lado, o serviço pós-hospitalar tem aumentado de uma forma exponencial. Ainda há semanas, reuni com o responsável da Cruz Vermelha de Viana do Castelo numa tentativa de conciliarmos esforços porque, neste momento, o hospital está a solicitar um conjunto de serviços que são incompatíveis com a nossa realidade física em termos de recursos materiais e humanos. Não é possível, com uma estrutura como temos montada no nosso país, assente ainda no voluntariado, manter resposta eficaz àquilo que, neste momento, por exemplo, nos pede a ULSAM Viana do Castelo", especificou Paulo Rodrigues, exemplificando: "Ao fim de uma tarde, chegamos a ter 14 pedidos e o hospital insistia em levar os doentes para casa porque tinham alta. No entanto, não tínhamos recursos para o fazer. Foram solicitados apoios, mas nem todos tinham dispositivo capaz de nos ajudar. Esta é uma realidade que tem vindo a ser recorrente e a agravar-se desde outubro e, por isso, foi solicitado uma reunião de urgência com a direção do hospital para ver se conseguimos levar este barco a bom porto porque está a ser muito difícil responder a todos os pedidos."

Face a esta realidade, as queixas mais recorrentes é a incapacidade dos bombeiros cumprirem com o horário. "Do ponto de vista de emergência, não recebemos queixas. Há protocolos que têm de ser estabelecidos e respeitados. Todo o serviço que ponha em risco a vida das pessoas e que exige ser atendido por um especialis-



ta, num determinado período de tempo, nós estamos a cumprir, mas com um esforço muito grande. Os outros serviços que, de alguma maneira, não carecem de uma atenção especial, às vezes, são colocados para segundo plano e levam-nos a esse tipo de reclamação", explicou o comandante, elogiando o corpo de bombeiros que tem a seu comando.

"Já tivemos uns sustos"

Apesar de não existirem casos positivos no quartel, Paulo Rodrigues reconhece que "a covid-19 está a afetar tudo e todos". "Já tivemos uns sustos, mas rapidamente chegamos à conclusão que eram apenas e só sustos, o que nos deixou bastante aliviados porque, neste momento, bastaria apenas ter um infetado ao nível das ambulâncias, de pré-hospitalar e de socorro de emergência, que já seria uma dor de cabeça. No entanto, estamos em iminência de isso acontecer. Com todas as proteções que existem, sabemos muito bem que esta doença consegue ultrapassar a capacidade de proteção", alertou, assegurando que "a pandemia não foi e não é" o seu maior desafio profissional. "A pandemia está a ser um desafio em termos de gestão de recursos, mas não é o meu maior desafio. O meu maior desafio tem a ver com aquilo que a maior parte das pessoas esquecem que os bombeiros fazem: o trabalho do ano inteiro. Eles fazem das tripas coração e muito além do que lhes é pedido inclusivamente, os próprios profissionais que, para além de cumprirem com o horário, fazem mais horas quando lhes é pedido. A pandemia é um desafio nacional e, neste momento, estamos a tentar resolvê-la de forma mais atenta possível, mas sem que com isso coloquemos em causa aquilo que é a grande exigência que é pedida aos bombeiros: a resposta numa situação de emergência", frisou.

Outro dos grandes desafios para os Bombeiros Voluntários é "responder ao dia-a-dia" e "garantir, todos os anos, a entrada de novos bombeiros". "Por ano, ultrapassamos um milhão de distâncias percorridas em serviço pré e pós-hospitalar. Enquanto comandante tenho de garantir que esses serviços efetivamente se cumpram, com a melhor qualidade e dentro daquilo que são os parâmetros de resposta", afirmou, adiantando que têm feito um esforço ao nível de recursos materiais e humanos. "Na nossa frota, temos ambulâncias que ultrapassam os dois milhões de quilómetros e continuam a circular nas estradas e, por isso, fizemos um esforço em adquirir três ambulâncias e, com um empenho de um bombeiro, também conseguimos reforçar a nossa capacidade de resposta a nível do concelho e distrito com um veículo de grande transporte de água", especificou.

"Estão zangados comigo porque não podem sair numa ambulância"

Já sobre seu corpo operacional, o comandante diz ter oito bombeiros a aguardar formação devido à pandemia. "Eles não podem fazer serviço operacional e estão zangados comigo porque não podem sair numa ambulância. Estão proibidos por lei e vejo-me em sérias dificuldades para lhes dizer que não podem sair nas ambulâncias, apesar de haver serviços para serem feitos", admitiu, explicando que lhes faltam dois módulos de formação que são da responsabilidade da Escola Profissional de Bombeiros. "Desde que entramos em pandemia, a escola fechou a formação. Já começou em alguns sítios, mas para nós ainda não chegou nada. Tenho também, neste momento, mais nove novos candidatos estagiários. Vão

começar a partir do zero, mas ainda não sabemos como vamos fazer porque há todas estas limitações ligadas à covid-19. De qualquer forma, um bombeiro não se forma à distância. Não podemos formar um bombeiro dizendo que é assim que se sobe uma escada ou que é assim que se socorre uma vítima à distância. Isso não é possível. Temos de o fazer de forma presencial para eles perceberem como se executam gestos e como é que o conhecimento teórico se articula com a realidade da prática do nosso dia", especificou.

"Entrega total, sem restrições"

Em tempo de pandemia, os medos existem e no quartel dos Voluntários não é exceção. "O mais complicado tem sido conseguir que os voluntários efetuem serviços com casos de covid-19. Os profissionais são obrigados a fazê-lo. Aliás, fazêmo-lo diariamente e é muito complicado porque as pessoas têm famílias e preocupam-se com eles e com o trabalho deles. Nos últimos dois meses, com o aumento da incidência da pandemia tem sido muito complicado conseguirmos responder ao serviço, mas temo-lo feito, com atraso, mas nunca dissemos que não e nunca deixaremos de responder àquilo que são os pedidos da população", garantiu.

Independentemente disso, o comandante garante que o estado de espírito da corporação é de "entrega total, sem restrições e sem receio de poder fazer o trabalho". "Nas situações em que somos confrontados diretamente e objetivamente com um caso de covid-19, por vezes vezes, a relutância surge, mas não é por isso que deixamos de fazer o serviço. Ainda não houve um serviço que tivéssemos recusado seja por que razão for e, sobretudo, por situações ligadas à covid-19. Não dizemos que não a nada", assegurou, admitindo que estão a viver a segunda vaga com "alguma apreensão".

A nível distrital tentamos exercitar esforços que sejam comuns e, neste momento, redobramos nas questões de higiene, os EPIs e os gestos necessários a uma aproximação à vítima com segurança para os socorristas", especificou, acrescentando: "Sempre que há suspeita de covid-19, vamos equipados com esses EPIs que têm um custo que temos de garantir dado que quem nos supervisiona não consegue dispor de resposta para as nossas necessidades. O próprio INEM não o consegue fazer e nós temos conseguido fazê-lo à custa dos nossos esforços, nomeadamente, iniciativas que temos promovido para angariar dinheiro."

Recentemente e com o empenho de um bombeiro voluntário, a corporação adquiriu uma ambulância de socorro e, com o apoio da mascote cadela Nina, conseguiram equipamentos de proteção através de vendas de máscaras individuais.

"Há receio e cansaço, mas o espírito de missão fala mais alto"

Manuel Cadilha é adjunto do Comando dos Bombeiros Voluntários de Viana do Castelo e admite que a pandemia pôs à prova a resiliência da corporação, principalmente a nível financeiro. Para este operacional com 45 anos de experiência nesta corporação, a segunda vaga da pandemia "está a dar muito mais trabalho do que a primeira".

IDALINA CASAL

Manuel Cadilha tem 61 anos e é natural de Monserrate, em Viana do Castelo. Entrou para os Bombeiros Voluntários de Viana do Castelo como cadete a 7 de janeiro de 1975. Desde então, fez a sua progressão até sub-chefe, tendo chegado a adjunto de comando em 2005, com interrupção de um ano.

"2020 é um ano que devia ser apagado do calendário porque é para esquecer. Vamos ver o próximo como corre, mas este ano caiu-nos o céu em cima. No nosso caso, vimos reduzida drasticamente a fonte de receita nas transferências e serviços de doentes habituais e no parque do Hospital, cuja receita é repartida entre bombeiros e Hospital", afirmou este adjunto de Comando que fez a sua carreira profissional como serralheiro metalúrgico nos extintos Estaleiros Navais de Viana do Castelo durante 43 anos.

"Além disso, temos os gastos extra com os equipamentos de proteção individual (EPI). Não há ninguém nos nossos Bombeiros que se queixe com a falta de equipamentos e são caros", acrescentou Manuel Cadilha, agradecendo as ajudas que a corporação tem recebido da Liga dos Bombeiros, da ANPC e Câmara Municipal de Viana. "Quando o que é oferecido não chega, a Associação é que compra a preços elevados porque sabe-se que o valor dos equipamentos sofreu uma inflação extraordi-



nária", alertou, dando nota de que cada EPI custa cerca de 30 euros.

"Esta segunda vaga está a dar muito mais trabalho e é mais violenta do que a

primeira. Há muitos mais infectados na nossa região", constata Cadilha, admitindo que no estado de espírito da corporação paira o receio e apreensão. "Há um cansaço também, mas o espírito de missão fala mais alto, sempre com a proteção em primeiro lugar", garante.

Manuel Cadilha assume que "por norma", é otimista, mas não acredita que no primeiro semestre de 2021 a vida volte ao que era antes da pandemia.

"Vamos tentando levar a água ao nosso moinho"

O processo para se tornar voluntário nos Bombeiros é, na opinião deste operacional de comando, moroso, mas assenta na formação que "é primordial" para os futuros operacionais. A pandemia veio também prejudicar a evolução da formação na escola de estagiários de bombeiros que estava a decorrer.

"A formação está parada por falta dos módulos de socorrido e desencarceramento que são assumidos pela Escola Nacional de Bombeiros. Vamos ver se a nível distrital conseguimos resolver essa situação com formadores internos dos corpos de bombeiros", adiantou Manuel Cadilha, dando nota de que, para a corporação dos Voluntários de Viana, existem oito estagiários à espera da conclusão da formação.

Após uma polémica saída do anterior comandante da corporação, Manuel Cadilha e Paulo Rodrigues têm assumido o leme operacional da instituição. "Eu com mais disponibilidade e o comandante Paulo com menos, vamos tentando levar a água ao nosso moinho. Penso que está a correr bem. Em termos operacionais não houve um grande transtorno interno", concluiu o adjunto Cadilha.



"Os operacionais que têm estão a fazer um esforço



O Centro Humanitário do Alto Minho da Cruz Vermelha Portuguesa tem estado na linha da frente no apoio ao combate à pandemia. Na primeira vaga, a estrutura conseguiu aguentar-se praticamente sem problemas, mas agora o cansaço associado à falta de recursos disponíveis e à existência de profissionais infectados nesta segunda vaga têm representado dificuldades acrescidas. Hernani Bezerra dá a cara por cerca de 70 operacionais que têm estado todos os dias no terreno e sido fundamentais no socorro da população.

IDALINA CASAL

"A Cruz Vermelha tem dado uma resposta muito abrangente, tem colaborado com as brigadas de intervenção rápida nos surtos dos lares, tem estado também na primeira linha com brigadas de testes rápidos. Mas agora, a situação é completamente diferente. Na primeira vaga, tivemos estruturas locais que recorreram ao lay off porque tinham pouco serviço. Neste momento, os recursos que temos são escassos para os pedidos que nos são feitos. Se somarmos a isto, períodos de férias que não foram cumpridos, temos uma estrutura que está demasiado cansada, como estão nos hospitais, porque não houve tempo de dar férias ou número de dias necessário para as pessoas recuperarem com calma", admitiu Hernani Bezerra, diretor do Centro Humanitário do Alto Minho da Cruz Vermelha Portuguesa e coordenador local de emergência.

Além das brigadas de intervenção rápida, a Cruz Vermelha tem respondido a

todas as necessidades que a pandemia está a criar. Hernani especifica: "apoio alimentar através da atribuição de cabazes, testes rápidos, socorro e transporte."

Em relação aos testes, no início de novembro, a Câmara de Viana do Castelo aprovou um protocolo a estabelecer com a Cruz Vermelha para implementação do projeto "Saúde mais Próxima", que prevê uma unidade móvel de testes rápidos à covid-19, que percorrerá o concelho. Este projeto resulta da adaptação de um outro que a Cruz Vermelha de Viana pretendia implementar já antes da pandemia. "Era uma unidade móvel de saúde para percorrer as freguesias do concelho de Viana e nesta fase tão crítica vamos aumentar a resposta da Cruz Vermelha no que toca a testes rápidos, vocacionando uma equipa para os efectuar", explicou Hernani Bezerra, evidenciando as vantagens destes testes no controle imediato de surtos em lares, por exemplo. Além disso, revelam-se também fundamentais no controle de eventuais surtos internos na instituição. Esta equipa, que terá de fazer formação específica, deverá ser composta por um enfermeiro, um assistente operacional e um administrativo.

"Mas nós já fazemos testes há alguns meses, existe uma equipa 24 horas disponível para os fazer, existe ainda a linha 1415 de acesso ao público que permite a qualquer pessoa agendar o teste que depois a Cruz Vermelha reencaminha para estrutura local mais próxima", explicou o diretor, dando nota de que estes testes têm sido feitos a lares, empresas e pessoas a título individual. O teste pode ter um cus-

to de 20 euros se não for prescrito. "Tratando-se de surtos identificados pelo Delegado de Saúde, os custos são depois avaliados", acrescentou.

O diretor do Centro Humanitário do Alto Minho admite que a principal dificuldade atualmente está no recrutamento de profissionais para integrar as brigadas de intervenção rápida. "E não só. Também o recrutamento para outro tipo de respostas está a ser complicado. Neste momento, sentimos que temos muito trabalho e pouca capacidade de recrutar. Para o socorro e transporte, não houve qualquer alteração no transporte de doentes. Nós estamos a pagar para trabalhar em muitos dos serviços que fazemos o que nos traz dificuldades financeiras tremendas. Gastamos milhares de euros em equipamentos de proteção individual", alertou Hernani, agradecendo os vários "donativos consideráveis" que a instituição tem recebido. "Mas vou ao stock e vejo que não temos equipamentos e temos de voltar a comprar. É uma dificuldade tremenda porque não podemos trabalhar sem equipamentos de proteção individual", acrescentou.

O diretor do Centro Humanitário do Alto Minho da Cruz Vermelha demonstrou ainda apreensão em relação à diretiva do INEM em proibir o trabalho simultâneo de trabalhadores nas duas entidades. "Ao proibir os seus profissionais de acumular funções, o INEM veio complicar o nosso trabalho. Fez com que voluntários nossos que são funcionários do INEM deixassem a Cruz Vermelha e esses estavam a ajudar imenso", lamentou, acrescentando

a falta de enfermeiros no rol das dificuldades diárias da instituição. "Temos alguma capacidade operacional afectada por causa disto, mas temos conseguido responder a tudo o que nos aparece" salvaguardou.

"Tivemos operacionais infectados"

Por outro lado, a ida para situações de emergência pré-hospitalar com equipamentos de proteção individual para prevenir potenciais contágios de covid-19 também se tem revelado um encargo extra para a instituição.

"O mesmo se passa com o transporte de doentes. O hospital diz-nos que se trata de um covid positivo, equipamo-nos, mas o pagamento pelo serviço é o mesmo de um serviço normal em que não é necessário o equipamento de proteção individual. Nós num serviço normal, gastaríamos um terço do valor", alertou, dando nota de que o preço de cada EPI ronda os 30 a 35 euros.

"E neste momento, em função da informação que temos, faço questão de que os nossos operacionais andem sempre com os EPIs", reiterou, admitindo que o maior receio dos seus operacionais não é ficarem infectados, mas sim contagiarem a família. "Estamos a levar com custos adicionais que não estão a ser pagos por ninguém. Não podem pedir um serviço para covid positivo e pagar o mesmo que o serviço

ficado na Cruz Vermelha sobre humano"



normal. Além disso, o SNS sabe que no raio de 20 quilómetros, o pagamento por serviço é 7,5 euros e isso nem nos dá para batas e luvas. Estamos a fazer a nossa missão com um enorme prejuízo, mas vamos continuar a cumpri-la até onde nos for possível", assegurou.

Os receios associados à pandemia levaram também ao afastamento de alguns operacionais da instituição. "Claramente que a pandemia também nos veio mostrar quem está na instituição disponível para o que der e vier. Isto porque houve muita gente que se assustou e se afastou da instituição. Nos que ficaram, foi evidente o sentido de dever e de missão que faz parte de um operacional da Cruz Vermelha Portuguesa e a esses estou eternamente grato porque têm sido uma equipa incedível. Ajudam em tudo o que podem e não podem, enfrentando todas as dificuldades, com férias por gozar e horas em cima de horas", enalteceu.

De acordo com Hernani Bezerra, na primeira vaga da pandemia, não houve infectados no corpo operacional da Cruz Vermelha de Viana que inclui as delegações da cidade e S. Romão de Neiva.

"Na segunda vaga, tivemos. Da forma como a pandemia está dissimulada na população, a probabilidade de ter profissionais infectados é muito grande. Tivemos casos positivos e isolamentos e não conseguimos identificar de forma clara se o contágio aconteceu em serviço ou não", contou. Em abril, o Centro Humanitário partilhou nas suas redes sociais os testemunhos de Daniela Novo e Adriano Teixeira, dois voluntários da instituição,

que tiveram de ficar de quarentena depois de terem tido contacto com uma pessoa infectada.

"Fase das palmas e dos arco-íris está esbatida"

"Desde a primeira vaga tentamos formar todos os nossos voluntários, têm sido criadas plataformas de formação online e acompanhamento psicológico para todos os nossos operacionais que necessitem. Temos ainda um médico que ajuda a esclarecer dúvidas", salientou.

Ao longo destes nove meses em pandemia, o estado de espírito da equipa de operacionais da Cruz Vermelha de Viana é oscilante. "É feita de altos e baixos e há muitos momentos baixos nesta fase. Temos feito um esforço sobre humano e depois vemos comportamentos que deitam os profissionais de saúde abaixo. Andamos a fazer este esforço todo para quê?", questiona Hernani. E como se levanta o ânimo destas pessoas? "Todos juntos, brincando até com a situação", respondeu.

Em relação ao apoio da comunidade, Hernani entende que foi mais evidente na primeira vaga da pandemia. "Acho que a fase das palmas e dos arco-íris está esbatida porque as pessoas, tal como nós, estão cansadas, com desejo imenso de liberdade (...) nesta fase, todos os meios dias são uma luta. As coisas mudam com uma velocidade diariamente que até para nós é difícil de gerir", concluiu.



Santa Casa de Ponte de Lima "reconhece e enaltece" funcionárias

Alípio Matos, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima, salientou que "todo o pessoal, efectivamente, tem dado o seu melhor e tem procurado, quase em prejuízo da sua vida privada, dedicar-se de corpo e alma ao serviço dos utentes da Misericórdia, nomeadamente dos idosos".

LÚCIA SOARES PEREIRA

Em relação à creche e ao jardim de infância enaltece também as trabalhadoras que "se têm dedicado e feito tudo o que é possível para que não haja contágios, para que não haja crianças no interior da instituição com sintomas ou positivas".

"Às vezes fala-se muito no pessoal da saúde, sem menosprezar, desta luta titânica que têm, mas esquecem-se de milhares de trabalhadores das misericórdias e restantes IPSS que, de forma abenegada e discreta, têm feito um trabalho de excelência, mesmo quando somos invadidos pelos vírus, como está a acontecer na Misericórdia de Ponte de Lima", registou Alípio Matos.

O provedor da instituição notou que "a ligação com instituições do Estado, nos primeiros momentos, a nível distrital, não correu tão bem como se queria, mas neste momento essa colaboração tem sido excelente". "E há que realçar o papel não só da Segurança Social, através da sua directora que se preocupa e tem estado no terreno, mas tem havido também excelente coordenação com entidades de saúde pública, concretamente os delegados locais e distrital", apontou, assinalando ainda a "rapidez" com que funcionários e utentes têm sido testados.

"Há ainda um papel muito importante do Centro de Saúde, na medida em que tem posto um médico interlocutor conosco e tem sido enexcedível. É consolador e gratificante", enalteceu ainda, sublinhando também que o presidente da Câmara Municipal tem "estado em contacto e tem-se preocupado com estas situações", tendo a misericórdia solicitado apoio à autarquia.

"A Mesa só tem a agradecer, reconhecer e enaltecer todo o trabalho que as funcionárias têm feito", finalizou.

"Utentes muito bem acompanhados" na Casa de Caridade

Agostinho Freitas, presidente da direcção da Casa de Caridade sustenta que os utentes "estão muito bem acompanhados pela parte médica e de enfermagem" e destacou que "a equipa de intervenção rápida da Segurança Social, em parceria com a Cruz Vermelha, colocou recursos humanos" a colaborar com a instituição.



"Desde logo mais duas enfermeiras, o que nos veio dar um grande alívio em termos de acompanhamento dos idosos e também nos colocou um psicólogo e um

médico, para além de cinco auxiliares de acção directa", focou.

"Gratidão" no Lar Casa de Magalhães

O presidente da direcção do Lar Casa de Magalhães exprime a sua "gratidão pela maneira exemplar como todos os funcionários estão a trabalhar nesta situação complicada". "Felizmente no Lar Casa Magalhães está tudo a correr bem, graças realmente a todos os profissionais que lá trabalham e vamos esperando para ver se continua com as mesmas condições até agora", revelou Leandro Pires. O director da instituição nota que têm "sentido um pouco a falta de recursos humanos", pois "há sempre baixas, algumas pessoas ficam de quarentena e até porque no apoio domiciliário está a ser mais difícil". "Mas temos superado tudo isso. Há um esforço enorme por parte de toda a gente, estão a unir esforços para que as coisas continuem como estão", ressaltou.

Comandante dos Bombeiros de Arcos de Valdevez recebeu louvor nacional

O Comandante dos Bombeiros Voluntários de Arcos de Valdevez, Filipe Guimarães, recebeu a distinção de mérito da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC).

No voto de louvor da ANEPC, Filipe Guimarães viu destacadas "as excelentes qualidades pelas quais tem pautado toda a sua conduta ao comando do Corpo de Bombeiros Voluntários da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Arcos de Valdevez". A ANEPC considerou ainda o comandante "dinâmico, dotado de excelente preparação técnica e invulgar capacidade de trabalho e iniciativa, persistência e esforço constante", referindo que essas características "são a base da forma firme do seu desempenho ao serviço dos Bombeiros Portugueses, na proteção e socorro da comunidade".

A cerimónia de entrega do voto de louvor decorreu no renovado quartel dos Bombeiros de Arcos de Valdevez e contou com as presenças do presidente da instituição e dos primeiro e segundo comandantes distritais da Proteção Civil de Viana do Castelo, Marcos Domingues e Paulo Barreiro, respetivamente, em representação do Comandante Nacional de Emergência e Proteção Civil, Brigadeiro-General José Duarte Costa.

Filho de pais emigrantes, Filipe Guimarães nasceu em Ris Orangis, nos arredores de Paris, tendo os seus pais regressado definitivamente a Arcos de Valdevez, a terra natal, quando tinha quatro anos. Fez o percurso escolar no concelho arcuense, tendo concluído o 12º ano na Escola Secundária de Arcos de Valdevez. A entrada nos Bombeiros Voluntários de Arcos de Valdevez ocorreu quando completou dezoito anos, juntamente com um grupo de amigos. "A minha mãe tinha o negócio dela na vila e como eu estava lá ao toque da sirene corria para ver os bombeiros a sair", contou numa entrevista ao Semanário Alto Minho, em Março de 2016.

O primeiro serviço foi num café na Prova, junto a uma estação de serviço. "Foi buscar uma pessoa alcoolizada e não foi uma boa experiência", contou. No primeiro ano integrou equipas de combate a incêndios e passou na corporação o verão de 1996. "Para mim foi excelente porque ganhei algum dinheiro e estava com os meus amigos da escola", notou, afirmando que essa foi a única vez que ganhou dinheiro com os bombeiros, por opção. "Sou voluntário no verdadeiro sentido da palavra", considerou.

Manteve-se sempre como voluntário e na sequência de "grandes mudanças", em 2006, assumiu com mais três colegas o comando da corporação. A convite do comandante de então, Paulo Barreiro, tornou-se seu adjunto.

Em 2009, o comando demitiu-se na sequência de um desentendimento com a direcção e Filipe Guimarães decidiu afastar-se dos bombeiros durante um ano.



"Regressei depois porque o segundo comandante da altura faleceu e aproximei-me para dar apoio na organização das cerimónias fúnebres. Tanto me chatearam que acabei por voltar. Estive meia dúzia de meses como segundo comandante do então comandante Carlos Ferreira", contou. Entretanto, o comandante demitiu-se do cargo, a direcção também mudou e Filipe Guimarães respondeu positivamente

ao convite para assumir as funções de comandante em 2012.

"Herdei a pior situação daquela casa. Havia 170 mil euros de dívidas, o parque automóvel estava obsoleto e com muitas avarias e registava-se um défice muito grande de bombeiros", sustentou. Esteve dois anos e meio sozinho no comando e a primeira medida foi chamar mais gente nova para a corporação. "Com um modelo

de organização, em três anos pagou-se a dívida e conseguimos ter um saldo positivo de 70 mil euros. Recuperou-se a frota automóvel, conseguimos umas viaturas de França devido a contactos que tinha com os bombeiros de lá", contou, frisando que a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Arcos de Valdevez contou com o apoio do comando distrital. "Sabiam que a situação era grave e vergonhosa", destacou, salientando que com "muito custo e dedicação" conseguiu-se implementar um modelo de funcionalidade "que se traduziu numa operacionalidade muito grande". "À minha chegada ao comando tínhamos em médias 73 serviços de INEM por mês. Depois desse tempo registamos cerca de 250", salientou. Com a "injecção de sangue novo", a aposta de Filipe Guimarães centrou-se na formação, virada para a emergência, e foi também reabilitada a secção de mergulho e criada a secção de resgate em grande ângulo. E também procura constantemente quem possa ajudar os soldados da paz arcuenses. "Onde souber que posso arranjar dinheiro eu vou lá", afirmou.

Um dos segredos do comandante foi valorizar os mais velhos. "Dei importância a quem devia e atribui-lhes responsabilidades. As pessoas sentiram-se mais motivadas e as coisas fluíram naturalmente", contou. Mas mais do que coordenar, Filipe Guimarães gosta de "pôr as mãos na massa". "Não sou um comandante de estar sentado na poltrona a mandar. Gosto de dar o exemplo e quando tenho que arregaçar as mangas também o faço", afirmou.

"Nunca pensei ter sobre mim tantas responsabilidades", confessou, garantindo que "sempre correu tudo bem". "Sempre soube fazer ver às pessoas quando estou a falar como colega e quando estou a falar como comandante e nunca me faltaram ao respeito. Nunca foi preciso puxar dos galões e dizer: 'eu é que sou o comandante, quem manda sou eu'. Tolero as coisas dentro dos limites, com respeito pelo próximo e cultivamos o bom ambiente na instituição. Não tolero é que se ponha em causa a imagem da instituição nem que se comprometa a operacionalidade", venceu.



Maior lar do Alto Minho tem sido ex

Com 150 residentes, o Lar da Congregação de Nossa Senhora da Caridade em Viana do Castelo é o maior do Alto Minho e tem seguido à risca um plano de segurança e prevenção desde que o alerta pandémico soou em março. Talvez seja esse o segredo da instituição que no dia 29 de novembro vai fazer 241 anos e que, até agora, tem passado praticamente incólume à covid-19. A utente mais velha da instituição tem 106 anos, ficou infectada com covid-19 e recuperou.

Idalina Casal

Desde 2015 que Ana Gonçalves, enquanto diretora técnica do Lar da Caridade, assume o leme de uma equipa com mais de 100 profissionais e considera que a instituição é "atípica" e sujeita a uma elevada organização. Mal se ouviu falar na pandemia em Portugal, este lar procurou logo salvaguardar-se de eventuais contágios. "Fizemos um trabalho em conjunto na sensibilização dos nossos colaboradores, por exemplo, no uso da máscara que começamos logo a utilizar. Foi uma medida muito precoce, antes de sair a norma do uso das máscaras", exemplificou.

Desde 8 de março que o Lar da Caridade implementou a restrição na saída dos utentes. Os que saem, quando regressam são

sujeitos ao período de 14 dias de quarentena. Tendo em conta que muitos utentes deste lar são autónomos e estavam habituados a sair diariamente para tomar café ou dar um passeio, o aperto das regras veio modificar por completo as suas vidas. "Tivemos que lhes explicar isto para nos protegermos a todos. Nós a eles e eles aos próprios colegas. Mas foi complicado", admitiu a diretora técnica, indicando que quando as famílias têm disponibilidade o utente pode ir para casa. "Mas quando regressam, cumprem o isolamento. Têm mesmo de cumprir com os 14 dias e respeitar todas as medidas", frisou, indicando que as próprias famílias também sentem que os idosos estão mais protegidos no interior do lar do que nas suas casas.

"Eles não gostam, mas compreendem", acrescentou António Morgado, presidente da instituição, dando nota de que a suspensão da ida do barbeiro e da cabeleireira à instituição também foi muito sentida pelos utentes. "Deixamos de ter também aulas de ginástica e houve uma altura em que deixou de haver missa", acrescentou. O pavilhão onde costumavam realizar-se aulas de ginástica foi adaptado para poder isolar utentes caso haja necessidade.

"Tivemos de restringir. Colocamos tudo em cima da mesa. Ou era tentar diminuir o risco ou podia haver um contágio que afe-

taria a todos. Isto é uma realidade. Era necessário fazer isto, caso contrário não conseguíamos prevenir e salvaguardá-los. Tem havido muito esforço e investimento em termos económicos para os equipamentos de proteção individual", salientou Ana Gonçalves.

"Quando saem, pedem para voltar"

Entretanto, algumas das atividades foram retomadas através dos técnicos da própria instituição que tentam manter ativos o corpo e a mente dos utentes. Também as missas foram retomadas na igreja da própria congregação e com o capelão que também é funcionário da instituição. Para minimizar a ausência da visita de familiares, a instituição também adaptou uma porta de vidro para que os idosos pudessem receber visitas e os profissionais do lar têm ajudado também na realização de video chamadas. "É pouco, mas é melhor do que nada e é uma forma de os salvaguardar. Há pessoas que já estavam habituadas a estarem mais confinadas, por opção. Mas temos um grupo que costumava sair, que fazia a sua vida lá fora e viram-se limitados. O que acontece é que estas pessoas quanto

sentem necessidade, saem, mas depois regressam e cumprem com os 14 dias. Posso dizer-lhe que saem e, passados dois ou três dias, telefonam para voltar porque percebem que a realidade lá fora é ver as pessoas de máscara, algo que eles não estão habituados, e ter de usar gel desinfetante...", contou Ana Gonçalves.

Se os utentes estão sujeitos a regras apertadas de prevenção e segurança, os profissionais do Lar da Caridade não estão menos. Desde o início que foram formadas equipas espelho para garantir que caso haja um contágio seja rapidamente controlado. Por outro lado, os elementos da direção também deixaram de ter acesso ao interior do lar. No fundo, houve um esforço coletivo no interior da instituição para resguardar o máximo possível os utentes. "Nós percebemos a necessidade e o bem que é ter estas equipas espelho no dia em que recebemos a notícia que tínhamos dois testes positivos. Foi há cerca de um mês. Reunimos no refeitório, olhamos para os colaboradores e tivemos de dizer-lhes que aconteceu na nossa instituição e agora tínhamos de ver a dimensão do problema para resolver (...) mas foi bom sentir que somos tão vulneráveis como os outros, até parece que foi um despertar. Mas percebemos logo que houve uma enorme solidariedade entre todos. Os idosos tiveram que ficar fechados nos quar-



Exemplar na prevenção de contágios



tos e dividimos a instituição a meio para diminuir a possibilidade de contágio", recordou a directora técnica, indicando que nessa ocasião foram feitos cerca de 300 testes em dois dias a todos os colaboradores e a toda a gente que entrava na instituição, inclusivamente, os elementos da direcção.

"Tem 106 anos, teve covid e sobreviveu"

Desde o início da pandemia, este lar teve dois casos de utentes infectados com covid-19. Um deles foi da utente mais velha do lar, com 106 anos. "Essa utente esteve no hospital de Braga e quando regressou estava infectada", contou Ana Gonçalves. Quando esta utente regressou do hospital, cumpriu a norma dos 14 dias de quarentena e foi durante esse período que começou a revelar sintomas.

"O isolamento custa a todos. Custa-nos a nós pedir para entrarem num quarto e ficarem lá 14 dias, mas isto é uma forma de proteger a todos", frisou a directora técnica. "Mas essa senhora tem 106 anos, teve covid e sobreviveu", evidenciou. Houve outra utente que também ficou infectada neste lar. "E senão a tivéssemos isolado, ela teria contagiado mais gente porque percorre

toda a casa", referiu Margarida Vaz, chefe de equipa de enfermagem do lar composta por cinco profissionais.

"A saúde mental é muito importante. A deles e nossa"

Diana Pereira é a psicóloga do Lar da Caridade e tem sido uma das responsáveis por tentar minimizar os impactos da suspensão de várias atividades lúdicas dos idosos. "Algumas atividades foram mesmo suspensas, nomeadamente, aquelas que implicavam a troca de material e trabalhos manuais. Eu e a minha colega acabamos por assegurar aquelas atividades que mais gostavam de fazer como a ginástica e atividades de pintura. Mantivemos a projeção de filmes, mas dividimos as salas para manter o distanciamento", contou, admitindo que os idosos "estão ansiosos para sair" mas depois de sentirem que a covid-19 já não é uma ameaça. Talvez por isso, muitos dos idosos deste lar tenham pedido para adiar consultas não urgentes durante esta segunda vaga. "Eles não têm receio do isolamento a que serão sujeitos depois de regressarem das consultas, mas sim da pandemia", confirma a chefe de enfermagem. "A nossa grande ajuda têm sido os

nostros médicos, o psiquiatra que se disponibiliza a vir cá para conversar e orientar e a nossa psicóloga", enalteceu a directora técnica. "A saúde mental é muito importante. A deles e nossa", salientou o presidente da instituição. "Nós todos vivemos uma situação lá fora também complicada, mas trabalhar num lar neste momento, é muito desgastante. Temos de cuidar e tolerar este desassossego", acrescentou Ana Gonçalves.

"Tem sido uma batalha desde março"

Perante este trabalho complexo e exigente, a motivação dos profissionais deste lar faz-se em equipa. "Fazemos todas as semanas reuniões de sensibilização, onde falamos sobre todas as situações e procedimentos e tiramos dúvidas. Existe um grande espírito de superação e há que enaltecer todos porque percebem o papel importante que têm na prevenção. Temos que enaltecer o espírito de equipa. Tem sido, desde março, uma batalha e todos temos feito um grande esforço", afirmou a directora técnica. "Isto foi e é muito difícil porque temos de trabalhar 24 sobre 24 horas todos os dias, por isso, tenho de agradecer aos colaboradores pela boa vontade que eles têm tido,

sujeitando-se a alteração de horários, por exemplo", enalteceu António Morgado, frisando que da parte da instituição a prioridade é fazer todos os possíveis para que o vírus não entre no lar."

Nos primeiros meses de pandemia, houve colaboradores que tinham malas feitas no carro para, se fizesse falta, ficarem aqui. Isto não é qualquer pessoa que deixa a família para trás ... foi uma luta, conhecemos os utentes, a casa, temos muito respeito por esta instituição, principalmente, nos valores que nos incutem ao vir trabalhar para aqui. Acho que há uma maioria de colaboradores que veste a camisola com orgulho e sabe para o que estão aqui. É uma missão", concluiu Ana Gonçalves.

Quem são os profissionais da Caridade:

A Congregação de Nossa Senhora da Caridade tem três respostas: o lar, a creche e uma clínica de fisioterapia. A instituição tem três médicos, cinco enfermeiros, uma fisioterapeuta, uma psicóloga, uma gerontóloga, três porteiros, nove auxiliares de limpeza, dez na secretaria, oito na cozinha e 32 na ação direta, quatro na manutenção e quatro nos serviços administrativos.

"Laboratório Manuel Pimenta tem uma equipa focada na resposta à alta pressão da Covid 19"

O Laboratório de Análises Clínicas Dr. Manuel Pimenta, situado em Ponte de Lima, adaptou-se em tempo de pandemia e passou a fazer também testes à Covid-19.

O Laboratório Manuel Pimenta surgiu a 16 de Outubro de 1978. Manuel Pimenta entendeu que esta era uma "carência da sociedade em Ponte de Lima". "No esforço da concretização da resposta, na altura sozinho, e ainda com muitas técnicas manuais, o Dr. Manuel Pimenta começou a fazer colheitas, a ver lâminas ao microscópio e a transcrever os resultados analíticos para os boletins", conta Antas de Barros, administrador do Laboratório. Além destas funções, eram feitos "domicílios numa Renault 4L" que "Dr. Manuel Pimenta recorda com saudades", afirma.

Com um rápido crescimento, o Laboratório conquistou a Certificação da Qualidade, no ano de 2000. "Foi na direção técnica da Dra. Rosa Garrido, conquistou um grande desafio que ainda mantém com a designação Certificado da Qualidade ISO-9001", informa Antas de Barros.

Com este desenvolvimento foram abertos outros postos de colheita. "Existem um Laboratório central em Ponte de Lima e postos de colheita em Ponte da Barca, Arcos de Valdevez, Paredes de Coura, Refóios, Freixo, S. Martinho da Gandra, Correlhã, Vitorino dos Piaes e Areosa (Rio Tinto)", especifica. No entanto, são também feitas "colheitas ao domicílio, a pedido do médico ou do utente", completa o administrador.

Neste ano, o Laboratório de Análises

Clínicas Manuel Pimenta foi obrigado a adaptar-se e a apostar noutros serviços. Para lidar com a situação da Covid-19, são seguidas as recomendações da Direção Geral de Saúde (DGS). "Temos equipamento de segurança para os profissionais e colaboradores do Laboratório. Desde março, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado de pandemia, que o Laboratório e os postos de colheitas foram apetrechados com barreiras físicas de proteção de pessoas", realça. Foram ainda fornecidos, diariamente, "equipamentos de proteção individual para todos os funcionários de forma a garantir, aos colaboradores e aos utentes, as melhores condições de higiene e segurança individual e coletiva", sublinha Antas de Barros.

Em agosto foi inserido o serviço de testes à Covid-19. "Começamos a fazer colheitas da nasofaringe para pesquisa de SARS-CoV-2, com a parceria de um Laboratório externo, com a técnica de PCR. Esta técnica de PCR é o método de referência Gold Standard para diagnóstico e rastreio da infeção por SARS-CoV-2", explica. "Atualmente também fazemos colheita de amostras da nasofaringe para pesquisa de antígeno do vírus através de testes rápidos imunocromatográficos. Esta tecnologia é a mais rápida e permite ter resultados fiáveis em menos de meia hora. Temos grande experiência, quer localmente quer na Guiné-Bissau, o que nos permite ter muita confiança nos testes rápidos. Também fazemos o teste serológico (pesquisa de anticorpos) para avaliar a resposta imunológica da população", realça.



Os testes são realizados a todas as pessoas, que o solicitam, mas Antas de Barros sublinha que "é importante ser o médico a prescrever as análises clínicas e a interpretá-las". "Normalmente os utentes vêm ao laboratório com credencial médica e é isso que aconselhamos, mas neste contexto de pandemia temos muitas solicitações por parte dos utentes tanto para pesquisa de SARS-CoV-2 por PCR como por teste rápido de antígeno", menciona.

As solicitações destes serviços não são feitas apenas por particulares, mas também por lares, empresas e instituições. "Nota-se que há muitas marcações de testes Covid-19, mas isso não interfere no normal funcionamento das restantes rotinas de análises clínicas", diz.

Os testes são feitos em todos os dias úteis e ao sábado à tarde e, desde setembro a meados de novembro, foram feitos "165 testes rápidos serológicos, 1234 testes de PCR e 2363 testes rápidos de pesquisa de antígeno", enumera Antas de Barros.

O laboratório pretende ser uma "referência de saúde". "Existimos porque queremos ser uma referência de saúde e serviço para os utentes e para os médicos que os seguem. Todos trabalhamos orientados para os utentes e para a qualidade e rapi-

dez de resposta", assegura. Com cerca de três dezenas de funcionários, Antas de Barros confidencia que "são pessoas focadas, excelentes e muito dedicadas em responder com eficácia às necessidades da população".

O administrador acredita que "nesta altura há necessidade de rastrear mais grupos de pessoas porque o nível de contágio é muito maior e está disseminado na comunidade". "A segunda vaga da pandemia tem sido mais intensa e exigente a nível físico para toda a equipa. Os pedidos para a realização de testes Covid-19 são constantes ao longo do dia, em grande número, e sempre com muita urgência de resposta", transmite. "Mesmo nestas circunstâncias de alta pressão toda a equipa do Laboratório Dr. Manuel Pimenta está empenhada em responder às necessidades da população e realiza mais de 200 testes Covid-19 por dia", valoriza Antas de Barros.

Para que este novo serviço fosse possível foram adaptadas duas salas só para colheitas de Covid-19, com entrada e saída para o exterior independente. "Colocamos também um aparelho vaporizador de desinfecção por vapor de peróxido de hidrogénio aprovado pela Direção Geral de Saúde", conclui.



Manuel pimenta análises clínicas



Tratamos
Afectivamente

CENTRO DE RASTREIO
COVID 19

HOSPITAL PARTICULAR
VIANA DO CASTELO

STOP
COVID

Hospital Particular de Viana do Castelo reforçou a segurança de colaboradores e doentes

Rafael Val, 31 anos, e Vanessa Oliveira, 35 anos, são dois dos enfermeiros destacados pelo HPVC a fazer os testes na unidade de rastreio covid-19

O Hospital Particular de Viana do Castelo (HPVC) tem implementado um sistema rigoroso de controle nas entradas dos utentes para prevenir contágios e recentemente criou uma unidade móvel de rastreio à covid-19 no exterior. Da primeira vaga para agora, o hospital manteve todas as regras de segurança e reforçou com pórticos de desinfecção corporal nas entradas. Até agora, houve apenas um caso positivo entre os profissionais deste hospital, cujo contágio ocorreu no exterior.

IDALINA CASAL / RUI FERREIRA

Quando se chega ao HPVC, os utentes são recebidos por um enfermeiro que faz um questionário de segurança e seguem depois para um dos pórticos de desinfecção corporal que mede também a temperatura. Depois de desinfectarem as mãos, podem seguir para a consulta. Mediante o resultado do questionário, o utente pode ser convidado a fazer o teste covid-19.

"A função dos hospitais é tratar os doentes com segurança e neste momento a segurança tem vindo a ser reforçada neste contexto pandémico de segunda vaga", reitera Luis Belo, da administração do HPVC, confirmando que se mantiveram "as regras iniciais da primeira vaga, como o distanciamento social, criação de faixas de circulação no pavimento e utilização de equipamentos de proteção e melhoria dos circuitos de entradas e saídas para não haver cruzamentos de doentes".

Recentemente, este hospital decidiu criar uma unidade de rastreio à covid-19 no espaço contíguo ao parque de estacionamento onde já foram feitos, de acordo com Luís Belo, cerca de 3000 testes PCR e 400 testes rápidos (também com zaragatoa). "Por nossa iniciativa, criamos esta unidade de rastreio de covid-19 com os testes PCR cujos resultados são conhecidos em cinco a seis horas e mais recente-



mente instituímos os testes rápidos que nos dão resultados em 20 minutos e são igualmente fiáveis. Temos feito comparações entre os dois testes e, de facto, é fiável", disse, indicando que estão a ser feitos cerca de 70/80 testes programados por dia. "Também fazemos testes a pessoas que, por motivo de viagem ou outra qualquer razão, precisem de testar. As pessoas vêm nos seus carros e fazem um circuito simples que funciona como um drive-in. Agendamos com um intervalo de dez minutos e tem funcionado muito bem", acrescentou. Nesta unidade de rastreio estão a ser testadas pessoas com prescrição do Serviço Nacional de Saúde, mas também podem ser testadas a título particular.

Todos os doentes que vão ser internados ou fazer alguma cirurgia no HPVC são testados. A maior parte, por se tratar de situa-

ções já programadas, faz o teste PCR com zaragatoa. Luís Belo refere que até agora as cirurgias e consultas no HPVC têm mantido a sua programação normal.

O HPVC não tem unidade de internamento covid-19, mas Luís Belo frisa que a equipa de enfermagem que está encarregue pelos testes recebeu um treinamento específico. "A nossa missão é tratar. Mesmo não tendo unidade de internamento covid-19 não facilitamos na segurança dos nossos colaboradores e dos doentes", garantiu.

No HPVC trabalham cerca de 300 pessoas, entre profissionais de saúde e administrativos. Desde o início da pandemia, houve apenas um caso positivo entre estes profissionais. "Tivemos um caso de contágio na equipa desde o início da pandemia, mas foi de uma cadeia de transmissão externa que foi imediatamente detectada.

Portanto, não tivemos nenhuma cadeia de transmissão dentro do hospital desde o aparecimento do vírus da covid-19", explicou Fernando Rego, director de enfermagem da instituição.

"Desde o início da pandemia, este hospital deu todas as condições de segurança aos seus colaboradores e utentes, quer a nível de equipamentos de proteção individual, assim como nos procedimentos e materiais de higienização e desinfecção. Conseguimos também antecipar alguma falta de material que pudesse acontecer recorrendo localmente a uma fábrica têxtil da região na produção de materiais, depois de todo o processo de certificação de produto", acrescentou o enfermeiro-chefe, informando que tem dois elementos da sua equipa cedidos à Unidade Local de Saúde do Alto Minho até ao final do ano.



Banco da Mãe e do Bebê "empresta" tudo em Monção

O Banco da Mãe e do Bebê, em funcionamento na loja 4 do Mercado Municipal de Monção desde junho de 2015, tem como finalidade a recepção de roupa, calçado, artigos e produtos usados de bebê e criança, até aos seis anos de idade.

Posteriormente, são emprestados às famílias interessadas que, quando não lhes fizerem falta, voltam a entregá-los no Banco da Mãe e do Bebê, iniciando-se um novo ciclo de "vida" dos artigos e materiais usados, apoiando outro agregado familiar. Até ao momento, já foram apoiadas 222 famílias a residir no concelho.

Este espaço de apoio às grávidas, bebés e crianças envolve duas vertentes: ajuda às famílias monçanenses, minimizando os custos com a respetiva aquisição, e reutilização de determinados materiais e produtos, geralmente de curta utilização, utilizados com os bebés e as crianças.

O espaço do Banco da Mãe e do Bebê, aberto todas as quintas-feiras, entre as 9h30 e as 17h30, com intervalo para almoço entre as 12h30 e as 14h30, conta com o apoio de seis voluntárias. As prateleiras e armários foram objeto de recuperação por parte dos funcionários da autarquia.

O Banco Local de Voluntariado de Monção conta com a colaboração das voluntárias Maria Elvira Lebrão Balsa, Maria Rosalina da Costa Caldas, Maria Clara Quintela Alves, Maria Sidalina Lourenço Simões Vilar, Maria Luísa da Costa Vieira, e Maria Pereira Puga.

Promovido pelo Banco Local de Voluntariado de Monção, o Banco da Mãe e do



Bebê recebe todo o tipo de puericultura em bom estado como carrinhos, banheiras, berços, espreguiçadeiras, esterilizados, acessórios de banho, bem como lençóis de berço e cama infantil, mantas, edredons, almofadas, toalhas de banho etc.

As voluntárias do Banco da Mãe e do Bebê recebem também roupa, calçado e mochilas em bom estado para bebés, grávidas e crianças até aos 6 anos de idade. Posteriormente, o material rececionado é disponibilizado às famílias que procuram este serviço. Desta forma, o Banco Local

de Voluntariado de Monção contribui para minimizar as despesas financeiras dos agregados familiares e contribui para a reutilização dos materiais, equipamentos e produtos usados pelos bebés. Até ao momento, já beneficiaram deste apoio 222 pessoas / famílias.

Loja Social de Alvarães promoveu mercado para apoiar a população



A Loja Social de Alvarães promoveu pela primeira vez um mercado com artigos em segunda mão e a preços simbólicos para apoiar pessoas carenciadas de várias freguesias.

MICAELA BARBOSA

Ainda com as portas da antiga escola da Costeira fechadas, duas mulheres fizeram fila para visitar o Mercado Stock-off. Maria da Rocha, natural de Alvarães, diz ter-se lembrado de passar pelo mercado para encontrar alguma coisa para o neto de cinco anos. "Na escola, os miúdos dão cabo do calçado e da roupa rapidamente e, por isso, vim ver se encontrava alguma coisa para o meu neto. As coisas aqui também são mais baratas, mas o mais importante é ajudar a loja social, que fará chegar o meu contributo às pessoas que realmente precisam de ajuda", disse.

Neste mercado encontravam-se vários produtos, desde roupa, calçado, vestuário e artigos para o lar. Os preços variavam entre os 0,20 euros e os 2,50 euros. "Desde que começou a pandemia, a Loja Social funcionava apenas por marcação e isso inibiu as pessoas de nos procurarem. Desta forma, queremos mostrar o que temos e alargar a toda a comunidade para que toda a gente perceba o que podem comprar na nossa loja", afirmou Mónica Sousa, uma das responsáveis pela Loja Social.

A Loja Social de Alvarães foi criada em setembro de 2014 com o objetivo de auxi-

liar a população. "Desde que surgimos, recebemos doações e temos uma parceria com uma empresa que faz a recolha de vestuário. Nos últimos anos, temos também recebido móveis e eletrodomésticos. Desta forma, tentamos chegar a toda a

população, em particular, os que mais necessitam: pessoas com rendimento social de inserção e famílias desfavorecidas, com qualquer tipo de dificuldades", explicou Marisa Cruz, outra das responsáveis pela Loja Social, acrescentando que

também angariam dinheiro para dar resposta às necessidades financeiras. "No Natal, estamos a prever apoiar pessoas com cabazes e apoiar famílias que não conseguem comprar prendas para as suas crianças", adiantou.



Bombeiros Portugueses: Uma breve História da sua origem

RUI MANUEL MARINHO RODRIGUES MAIA
LICENCIADO EM HISTÓRIA
PELA UNIVERSIDADE DO MINHO.

A História da origem dos Bombeiros Portugueses é muito antiga, diríamos até, que toda essa História se cruza com a História da origem da própria organização humana. A gênese, por assim dizer, bebe numa panóplia de circunstâncias, que se podem testemunhar um pouco pelo Mundo, como um puzzle, cujas peças se entrelaçam, dando-nos a imagem do produto final. Assim, numa perspectiva minimalista, contamos uma breve História dos Bombeiros, fazendo-se aqui uma abordagem sumariada das principais cronologias e sucessivas mudanças de paradigma. O Homem de uma maneira geral sempre foi alvo de alguma fatalidade, fossem acidentes de trabalho, em lazer, incêndios e outros acontecimentos nefastos - quem nunca os sofreu?

As antigas civilizações padeceram de catástrofes, como incêndios, inundações, tremores de terra, erupções vulcânicas, etc. A Grécia e a Roma antiga já possuíam um sistema de sentinelas que durante a noite vigiavam as cidades e, se fosse o caso, acionavam os alarmes ao mais pequeno incêndio. Todos esses acontecimentos perversos deram azo à criação de corporações, à organização, à previdência; de tal modo que em Roma o Imperador César Augusto por volta do ano 22a.C criou o primeiro corpo de homens dedicados ao combate a incêndios. Ao princípio tudo era realizado com a força braçal, com baldes de água, de mão em mão, que circulavam desde a origem da água até ao epicentro do incêndio. Mais tarde, tudo evoluiu, desde o aparecimento de bombas, mangueiras, jatos de água e muitos outros aparatos que o progresso foi forjando.

O primeiro Corpo de Bombeiros criado por um Estado - à semelhança dos atuais - organizados e remunerados, surgiu em França (Paris), sendo composto por sessenta "guarda bomba" - uniformizados e debaixo de regras militares. Este modelo difundiu-se um pouco por todo o Mundo. Em Portugal, a História dos Bombeiros é sobremaneira ampla. No século XIV D. João I promulgou a organização dos Serviços de Incêndio de Lisboa, fazendo-o através de Carta Régia, de 23 de agosto de 1395. A mesma, determinava que em caso de incêndio carpinteiros e calafates deveriam dirigir-se ao local, socorrendo-se dos seus machados, para atalhar o fogo. As mulheres deveriam transportar água nos seus cântaros ou potes, e colaborar no combate.

Ao longo da noite, saíam os pregoeiros, alertando as pessoas para o uso do lume nas casas. Na cidade do Porto, em 1513, a Câmara elegera cidadãos que ficaram encarregues de fiscalizar se os fogos utilizados nas cozinhas eram devidamente apagados na hora estipulada - ao tocar do sino. Em 1612, a Câmara do Porto ordenou a notificação dos carpinteiros da cidade, estes receberiam um machado, assim como outros cidadãos, que receberiam "bicheiros", para acudir aos incêndios com celeridade. Em 1646, o Rei D.

João IV tentou implementar em Lisboa o mesmo sistema adotado em Paris. O Senado aprovou a aquisição de materiais e equipamentos, bem como a concessão de prerrogativas relativas às remunerações e habitações. Em 1678, por determinação de D. Afonso VI, foram instalados os três primeiros "Quarteis" na cidade de Lisboa. Na verdade, as instalações criadas para o efeito mais não eram que armazéns onde guardavam os utensílios de combate aos fogos, como escadas dobráveis, entre outros utensílios.

Em 1681, chegaram da Holanda duas bombas e uma quantidade considerável de baldes de couro, tendo sido distribuídos 50 por cada bairro. Em caso de sinistro, pedreiros, carpinteiros e outros mestres foram alistados. Estes, tinham que acudir aos incêndios; o que era um dever cívico passou a ser uma obrigação. No caso de não comparecerem eram condenados ao carcere. O primeiro Regulamento do Pessoal foi publicado em Lisboa (1683), contemplando, grosso modo, as seguintes medidas: O alistamento de determinadas profissões para combate a incêndios - a nomeação de Oficiais como Cabos - a manutenção de livros de controlo de materiais de combate - informações relativas às moradas daqueles que haviam recebido materiais de combate nos bairros onde estavam alistados, etc.

Em 1714, o Senado da Câmara de Lisboa apresentou ao Rei D. João V algumas medidas, como por exemplo, a instalação de três armazéns, onde se deveriam acondicionar bombas, escadas, baldes e cordas. Na cidade do Porto, a Companhia do Fogo ou Companhia da Bomba, fundada em 1722, no reinado do mesmo monarca, era composta por cem (100) "homens práticos" capazes de manobrar a bomba, machados e foices. O termo "Bombeiro" surgiu pela primeira vez em Lisboa, em 1734, estando associado à palavra primitiva "bomba", que por sua vez deu origem à designação: "Companhia da Bomba". Nesse mesmo ano foram adquiridas mais quatro bombas provenientes de Inglaterra. Em 1794, foi criada a função de Inspetor de Incêndios e Chafarizes. Em 17 de julho de 1834 foi criada a primeira Companhia de Bombeiros de Lisboa pela mão da Câmara Municipal. Esta, ficou conhecida pelo nome de "Companhia do Caldo e do Nabo".

Em 1868, foram introduzidas as bombas a vapor, dando origem à obrigação de colocar bocas de incêndio nos prédios. Na mesma época, surgiu a escada "Fernandes", tratando-se de uma escada extensível e giratória, precursora da escada "Magyrus". Pela mesma época, foi instituída a Sotas - Bombeiros Permanentes, denominação dada aos Capatazes dos antigos aguadeiros. O movimento Associativo dos Bombeiros iniciou com a Companhia de Voluntários Bombeiros de Lisboa, fundada em 1868, tendo sido o primeiro Corpo de Bombeiros Voluntários que, mais tarde, em 1880, passou a denominar-se "Associação de Bombeiros Voluntários".

Nos edifícios urbanos foram criadas estruturas de apoio ao combate aos incêndios, através da instalação de bocas

de incêndio no exterior dos edifícios, cuja finalidade era abastecer as viaturas de combate. No interior dos edifícios existiam as RIA (Redes de Incêndios Armadas), de acordo com os planos de emergência, instaladas em colunas secas ou húmidas, podiam ser utilizadas por funcionários de empresas onde existissem equipas de primeira intervenção, cuja finalidade era facilitar o trabalho dos Bombeiros sempre que necessário. No termo do século XIX alguns grupos de cidadãos organizaram-se no sentido de criar associações, tratando-se de estruturas associativas de âmbito local, sem fins lucrativos (persistindo até aos nossos dias) cujo objetivo assentava na fundação e manutenção de Corpos de Bombeiros.

Essas estruturas, cuja base assentava no voluntariado, evoluíram, passando a incorporar os Bombeiros Profissionais, como resposta às emergências de socorro / Corpos de Bombeiros mistos.

Em 1930 foi fundada a Liga de Bombeiros Portugueses, e em 1951 foi criado o primeiro Regulamento Geral dos Corpos de Bombeiros. Em 1979 foi criado o Serviço Nacional de Bombeiros. Em 1988 começou a funcionar a Escola Nacional de Bombeiros. Em 1992 foi fundada a Associação Nacional de Bombeiros Profissionais. Após três anos, foi criada a associação "Escola Nacional de Bombeiros", de âmbito privado.

No início do presente século (2000) foi elaborada nova legislação relativa à orgânica dos Bombeiros, incluindo o novo Regulamento Geral, que revogava o anterior, de meados do século XX. No ano de 2003 foi extinto o Serviço Nacional de Bombeiros, dando lugar ao Serviço Nacional de Bombeiros e Proteção Civil. Atualmente, os serviços de Bombeiros em Portugal são compostos, grosso modo, por civis voluntários, afetos a associações, o seu número ronda cerca de (450) no país, com aproximadamente (41 000) Bombeiros efetivos, congregados pela Liga dos Bombeiros Portugueses, sob a coordenação e fiscalização da ANPC - Autoridade Nacional de Proteção Civil. Todavia, existem cerca de (3000) Bombeiros civis profissionais, congregados pela Associação Nacional dos Bombeiros Profissionais. A Proteção Civil portuguesa organiza-se de diferentes formas: ao nível nacional - regional - distrital e municipal.

O Primeiro Ministro é o responsável pela direção da política de proteção civil, a quem compete emitir as orientações necessárias. Ao nível distrital cabe ao Governo dar indicações ao Comandante Operacional Distrital, no âmbito das operações. Ao nível dos Municípios, essas responsabilidades são dos Presidentes de Câmara.

Em Portugal há uma categoria de Bombeiros que não admite voluntariado, tratam-se dos "Sapadores", estão subordinados às Câmaras Municipais a que pertencem, existindo apenas nas grandes urbes, como: Lisboa - Porto - Coimbra - Braga - Setúbal - Vila Nova de Gaia e Faro. Temos também a Força Especial de Bombeiros Canarinhos, detendo uma estrutura e

comando próprios, que está vinculada à Autoridade Nacional de Proteção Civil, cuja missão parte por responder, com elevado grau de prontidão, às solicitações de caráter emergente de proteção e socorro, a ações de prevenção e combate em cenários de incêndio, a acidentes graves, catástrofes, etc., em qualquer local do nosso território, ou mesmo fora do país, em missões de natureza da Proteção Civil.

Em Portugal continental existem cerca de (432) Corpos de Bombeiros, de natureza bastante heterogénea, quer no que respeita à sua história - idade - tipologia - evolução e respetivo grau de desenvolvimento. Esta é uma síntese da História dos Bombeiros em Portugal, merecendo certamente um olhar mais profundo e holístico. Contudo, retrata os séculos de História de uma das mais importantes e honradas Instituições Portuguesas, ao serviço da salvaguarda das nossas comunidades. Pese embora o facto de que muitas vezes não sejam tratados de igual forma, com equidade, justiça e lealdade, à imagem de outras Instituições, como os Bancos, que nos levam à ruína.

Muitas Corporações veem-se a braços com problemas financeiros, falta de meios e, até, de instalações dignas ao exercício das suas funções, tantas vezes colmatadas por ações de mecenato. O que faz o nosso Estado à excêntrica carga fiscal que pagamos? Para que se tenha uma ideia dos riscos da profissão de Bombeiro, de acordo com a Liga dos Bombeiros Portugueses, nos últimos 40 anos morreram em serviço cerca de 231 Bombeiros, destes, cerca de 41% ocorreu na deslocação em viaturas para o teatro de operações / combate a incêndios. Os restantes, devem-se a acidentes rodoviários, atropelamentos, mortes súbitas e outras causas.

Agradecemos a todos aqueles e aquelas que colocam as suas vidas ao serviço do seu semelhante, na esperança de que Portugal se transforme num país de 1.º Mundo, valorizando e investindo naquilo que serve verdadeiramente os seus cidadãos. Terminamos esta breve síntese cinzelando algumas palavras, as que nos apraz soltar, as da indignação, de um Portugal desgovernado ao longo dos últimos 46 anos, por uma cambada de incompetentes, que apenas olham para os seus interesses e dos seus amigos.

Nenhum partido político, desde o PS, passando pelo PSD, CDS, PCP, Bloco de Esquerda, se pode alienar do estado de sítio em que nos encontramos - todos são responsáveis. Urge renovar a nossa classe política, acabando com os benefícios a que todos se habituaram e pelos quais se movem. Somos um país demasiado pequeno para tantos desvarios, e no fim de contas, o Zé Povinho é quem paga, em sentido lato, tantas vezes com a própria vida!

Num país onde tudo rouba;
O Estado, esse, deixa-se falir.
Bombeiros sem seus meios;
Mortos, muitos ainda por vir.
Assim, vai a pobre da Nação,
Desgovernada, pois então!



Ó meu amor de algum dia Havemos de ir a Viana

Pedro Homem de Melo
1904-1984



**JUNTOS
VAMOS
VENCER**



CÂMARA MUNICIPAL
VIANA DO CASTELO



distribuição



Um serviço cada vez melhor!

Na última década, investimos mais de três mil milhões de euros na rede elétrica de distribuição, para melhoria da qualidade de serviço.

Em 2019, conseguimos o nosso melhor resultado nacional de sempre!



App EDP Distribuição
descarregue aqui

energia em rede